



— *Maria, Mulher da* —
LIBERDADE

Frei Clodovis Boff, osm

Maria, Mulher da Liberdade¹



REFLETINDO

A subjetividade livre é o fundamento de toda ação social e, por isso, na raiz de toda sociedade verdadeiramente humana encontra-se a liberdade. Assim, não há “sujeitos sociais” se não houver “sujeitos pessoais” e esses devem ser, necessariamente, livres.

Infelizmente, a história tem nos mostrado que nos últimos séculos temos tomado um caminho intrincado no quesito liberdade: ou se contradiz a natureza social da pessoa, caindo no individualismo (sociedades “liberais”) ou se violenta a natureza pessoal da sociedade caindo no coletivismo (sociedades totalitárias). Ora, a Virgem Maria mostra que a pessoa é basicamente autopossessão, força de iniciativa e criação, possui capacidade de responder por seus atos diante dos outros e diante de Deus. Isso é de grande relevância sociopolítica, pois sem sujeitos “pessoais”, conscientes e livres, como articular o compromisso social pela justiça e pela libertação integral? Aparece aqui claramente o fato de que sem garantir a liberdade das pessoas não se garante sua libertação social. Assim, a Virgem livre que podemos perceber no texto da Anunciação é o pressuposto da Virgem libertadora do Magnificat.

ORAÇÃO INICIAL

Senhor, enviai vosso Espírito para ouvirmos vossa Palavra! Que a sombra fecunda de vosso poder nos faça guardar tudo em nosso coração. Amém.

1 **Frei Clodovis Boff, OSM.** Teólogo e Professor da PUCPR. Contato: osmcwb@gmail.com

O QUE O TEXTO SAGRADO DIZ?

Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem se chamava Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela perturbou-se com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse: “Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”. Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível”. Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se de junto dela. (Lc 1,26-38)

O QUE O TEXTO SAGRADO NOS DIZ?

O relato da Anunciação, além de evidenciar a proximidade do Senhor, demonstra Maria como mulher livre, pessoa ativa e participativa, consciente e responsável. Nessa cena se vislumbra Maria como sujeito de sua história, alguém que compreende que há um Projeto que engloba os seus projetos pessoais e, livremente, se coloca a serviço da libertação, se dispõe a uma diaconia libertadora.

1 Maria, livre-de

A Anunciação é o relato da vocação de Maria: vocação à maternidade messiânica; em seu ser livre responde à proposta divina e, conseqüentemente, assume um compromisso com toda responsabilidade.

O texto de Lucas (1,26-38) descreve uma jovem rica interiormente, como nos demonstram alguns acenos:

- Maria reflete sobre a saudação do Anjo (v. 29): a fé de Maria se apresenta questionadora, perscrutadora do projeto de Deus; não há paralelos em outros relatos bíblicos sobre tal postura diante da ação de Deus, como, por exemplo, Agar (Gn 16), a mãe de Sansão (Jz 13) e mesmo Zacarias (Lc 1,5ss).
- Maria dialoga com o anjo para conhecer as condições da concepção (v. 34): por não ser inconstante, Maria quer conhecer o *modus operandi* da graça de Deus; não se deixa levar pela alegria e não aceita de imediato, mas, diante da proposta, quer analisar a situação como um todo.
- Maria decide com pleno conhecimento de causa (v. 38): a palavra final é dada por ela, dentro de um espírito de plena liberdade.

Mediante uma estrutura dialogal, a Anunciação demonstra que Maria se posiciona numa atitude de confronto com a situação da mulher de seu tempo. A mulher da época não era vista e reconhecida como sujeito de suas decisões e de sua liberdade, não era um sujeito verdadeiramente autônomo; dependia de um homem (pai, marido, irmão, filho) e era visto como uma espécie de “propriedade” ou coisa. Maria, ao contrário, se percebe “inteira” e “livre” diante do Anjo e, sozinha, ou seja, somente ela, foi capaz de decidir de maneira responsável. Assume em primeira pessoa esta responsabilidade diante de Deus e diante do mundo; não faz o jogo do “vamos ver no que dá!”, mas se comporta como “pessoa”, ou seja, na liberdade da consciência.

2 A Serva do Senhor: ser livre-para

O conceito “livre-de”, fechado em si mesmo, se torna mera expressão de autonomia e de autoafirmação; “livre-de” se apresenta como “livre-arbítrio”, capacidade de escolha entre várias alternativas. A liberdade que Maria vivencia é, sim, a do “livre-arbítrio”, mas não apenas: a sua liberdade não se trata apenas na dimensão do dizer “não” às infinitas possibilidades de escolhas, mas em afirmar seu “sim” à vontade de Deus. Liberdade aqui é apelo para o bem, nunca para o mal; é capacidade de amor-doação e não de recusa; é afirmativa, nunca negativa.

Nesse sentido, o Novo Testamento compreende a liberdade como o conteúdo mesmo da graça (Cf. Jo 8,35-36); e é o que admoesta São Paulo: “É para a liberdade que fostes chamados. Entretanto, que esta liberdade não dê nenhum pretexto para a carne” (Gl 5,13).

Na Anunciação, Maria evidencia o aspecto pleno da graça e da liberdade: porque é “cheia de graça” é capaz de afirmar: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38). E, por essa razão, é livre para servir no amor. A liberdade de Maria é uma liberdade que se compromete, que se solidariza e que ama; sua liberdade é para servir os planos de Deus e, assim, seu ser livre se evidencia em torno da “obra dos séculos”, segundo a expressão de Pedro Crisólogo, retomada na *Marialis Cultus* (n. 37).

Convém ressaltar, para os mais desavisados, que a maternidade de Maria não se trata de algo funcional ou instrumental (serviço objetivo à salvação), mas plenamente pessoal (participação voluntária à salvação objetiva).² Maria viveu a liberdade não apenas como atitude interior, mas como disposição à missão e ao compromisso concreto; sua liberdade é aquela que serve, obedece e liberta, é a liberdade que se encarna na ação. Maria é o arquétipo de uma fé comprometida na obediência e no servir. De fato, logo após a Anunciação vemo-la partindo “depressa” para servir Isabel, pois o amor tem pressa. É a atitude de serviço que caracterizará todo o seguimento de seu Filho, até o *Stabat* no Calvário e se prolonga no céu, em forma de intercessão materna, pois ela é a *Regina Caeli* porque vive o reinado do serviço.

Seu serviço se arvora na maternidade divina e essa não se reduz a ela. Não lhe é dado um filho para sua exclusiva satisfação; ela não se tornou mãe para si mesma – como ne-

² Importante se faz a análise da *Lumen Gentium*, n. 56, número todo dedicado à Anunciação, o qual se utiliza de expressões “ativas” para evidenciar o compromisso pessoal de Maria à proposta de Deus.

nhuma mãe assim vive; a sua maternidade é messiânica, portanto, uma maternidade que diz respeito à realização das promessas divinas, referentes ao destino da história. É nesse sentido que Paulo VI afirma: “[...] não foi mãe ciosamente voltada só para o próprio Filho divino, mas sim [...] aquela Mulher [...] cuja função materna se dilatou [...] a dimensões universais” (*Marialis Cultus*, n. 37,2).

Por fim, Maria nos mostra que a liberdade é compromisso com e para os outros; a liberdade se realiza na solidariedade, pois sem o respeito ao outro, a liberdade se perde e leva à perdição.

O QUE O TEXTO SAGRADO NOS FAZ DIZER?

A acolhida da Virgem à proposta de Deus se exerce como uma obra de representação: faz as vezes do povo de Israel, enquanto acolhe o cumprimento da vontade; faz as vezes da humanidade, pois se o Anjo é enviado da parte de Deus, Maria está aí da parte do mundo inteiro. São Bernardo expressa essa afirmação com uma retórica única:

Ouviste, ó Virgem, que vais conceber e dar à luz um filho, não por obra de homem – tu ouviste –, mas do Espírito Santo. O Anjo espera tua resposta: já é tempo de voltar para Deus que o enviou. Também nós, Senhora, miseravelmente esmagados por uma sentença de condenação, esperamos tua palavra de misericórdia. Eis que te é oferecido o preço de nossa salvação; se consentes, seremos livres. Todos fomos criados pelo Verbo eterno, mas caímos na morte; com uma breve resposta tua seremos recriados e novamente chamados à vida. Ó Virgem cheia de bondade, o pobre Adão, expulso do paraíso com a sua mísera descendência, implora a tua resposta; Abraão a implora, Davi a implora. Os outros patriarcas, teus antepassados, que também habitam a região da sombra da morte, suplicam esta resposta. O mundo inteiro a espera, prostrado aos teus pés. E não é sem razão, pois de tua palavra depende o alívio dos infelizes, a redenção dos cativos, a liberdade dos condenados, enfim, a salvação de todos os filhos de Adão, de toda a tua raça. Apressa-te, ó Virgem, em dar a tua resposta; responde sem demora ao Anjo, ou melhor, responde ao Senhor por meio do Anjo. Pronuncia uma palavra e recebe a Palavra; profere a tua palavra e concebe a Palavra de Deus; dize uma palavra passageira e abraça a Palavra eterna. Por que demoras? Por que hesitas?

Crê, consente, recebe. Que tua humildade se encha de coragem, tua modéstia de confiança. De modo algum convém que tua simplicidade virginal esqueça a prudência. Neste encontro único, porém, Virgem prudente, não temas a presunção, pois, se tua modéstia no silêncio foi agradável a Deus, mais necessário é agora mostrar tua piedade pela palavra. Abre, ó Virgem santa, teu coração à fé, teus lábios ao consentimento, teu seio ao Criador. Eis que o Desejado de todas as nações bate à tua porta. Ah! Se tardas e ele passa, começarás novamente a procurar com lágrimas aquele que teu coração ama! Levanta-te, corre, abre. Levanta-te pela fé, corre pela entrega a Deus, abre pelo consentimento. Eis aqui, diz a Virgem, a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra (Cf. Lc 1,38).³

O QUE O TEXTO SAGRADO NOS FAZ VER?

O relato da Anunciação nos apresenta, assim, Maria como pessoa livre e libertadora, como ícone cristão livre e libertador, comprometido na obra da justiça e da paz. Sendo livre e vivenciando sua liberdade de maneira plena, é pessoa integrada e madura; ora, é impossível – falamos agora a partir da ótica social – lutar por uma sociedade nova se não se luta, ao mesmo tempo, e mais ainda, por um ser humano novo. Assim, Maria é o grande paradigma do novo humano que, conseqüentemente, gera e estabelece uma nova sociedade.

SUGESTÃO DE LEITURA

BOFF, Clodovis. *Mariologia Social. O significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

3 SÃO BERNARDO. *Homilias em louvor da Virgem Mãe*. Hom. 4,8-9: Opera omnia. Edit. Cisterc. 1966, p. 53-54.